Cartografias do exílio. O imigrante espanhol no movimento massivo e o Brasil como destino, 1880/1930

Marília Klaumann Cánovas
CEDHAL-LEER/USP

E os trens que vêm de Bauru
Trazem cheia a segunda classe,
Com catingas de porão de navio,
Com choros de crianças embrulhadas em grossas lãs européias,
Com caras rubras queimadas de sóis estrangeiros,
Famílias salubres e miseráveis
Que o Brasil chamava, miragem de ultramar.

Nesse amontôo de povo mal dormido
– Cabeças com lenços de cores, boinas de veludo negro –,
Nesses corpos fétidos que os beliches balançaram
Na travessia do vapor inglês,
Há uma poesia profunda,
Há uma poesia violenta,
Poesia das plebes agrícolas da Europa,
Poesia de raças antigas e obstinadas
Que qualquer coisa para este lado do Atlântico atrai;
Poesia da sorte desconhecida sobre o mar,
Poesia do porto de Santos,
Poesia da São Paulo Railway Company,
Poesia da Capital entrevista na bruma,
Poesia da imigração.

E os trens que vêm de Bauru
Ribeiro Couto

QUANDO INICIAMOS A INVESTIGAÇÃO acerca do imigrante espanhol, há décadas atrás, pretendíamos recuperar aspectos que pudessem singularizar esse contingente que, apesar de ser considerado a terceira maior corrente a desembarcar no Brasil no período da imigração em massa, mantinha-se silenciado pela historiografia.

De fato, ofuscado pelo italiano, de inegável superioridade numérica, o imigrante espanhol, cujos números, baseados nas estatísticas locais, atingiram meio milhão de indivíduos, ingressados especialmente na primeira vintena dos Novecentos, permanecia como coadjuvante, como personagem de uma história de reticências.

As estatísticas espanholas revelam, em geral, a metade dos números oficiais brasileiros. Embora elevadas, essas cifras, desencontradas, podem ser atribuídas ao movimento clandestino que campeou no período.

Mais que tudo, a clandestinidade registrada era indicativa de sintomas sociais mal resolvidos, o que, em contrapartida, obrigava os sujeitos a se evadirem clandestinamente, sem passar pelo controle oficial espanhol, por portos estrangeiros – franceses e portugueses, se considerados os espanhóis do norte, mas especialmente por Gibraltar, que era colônia inglesa e que, portanto, não sofria a tutela das autoridades espanholas, e, nesse caso, da grande massa que veio do sul, em especial da Andaluzia.

Desse modo, quer se considere a cifra oficial local ou aquela elaborada pelos portos de saída espanhóis, sabe-se que desse (suposto) montante de espanhóis que ingressou no Brasil nesse período, de cada quatro, três deles se destinavam ao Estado de São Paulo, e desse total, 80% se dirigiam para as zonas cafeeiras que rasgavam o Oeste Paulista, conforme procuramos evidenciar abaixo.

Era estreita, portanto, a relação entre essa emigração e a nossa agressiva e eficiente política oficial de arregimentação em larga escala, com tentáculos bem articulados em toda a Europa, que assim pretendia irrigar com mão-de-obra farta e, portanto, barata, a lavoura cafeeira do Estado de São Paulo, então em franca expansão. Tal política, alicerçada no financiamento da passagem dos emigrantes, desde que constituídos em grupos familiares, foi chamada de "imigração subsidiada".

Mas, apesar disso, apesar de o espanhol ter representado no cômputo geral do período o terceiro maior contingente emigrado, muito pouco se conhecia dessa corrente, de sua trajetória, quer seja no colonato (nas fazendas de café), ou mesmo da trajetória urbana. Assim, num primeiro momento, e evocando as reais motivações que arrastaram essa verdadeira onda humana a atravessar o Atlântico (mão-de-obra para as fazendas de café), buscamos delinear a sua trajetória no colonato, ou seja, buscamos focalizar o grupo que havia se fixado no núcleo cafeeiro do Oeste Paulista.

TABELA 1. Porcentagem dos imigrantes espanhóis ingressados no Estado de São Paulo sobre o total da emigração espanhola para o Brasil – anos 1900-1929

1900-1904	64%	1915-1919	71%
1905-1909	77%	1920-1924	81%
1910-1914	75%	1925-1929	74%

Dados da Secretaria da Agricultura do Estado de S. Paulo. Periodização adaptada.

Por questões relacionadas à fragmentação e dispersão das fontes – cujo provável indício resultava na ausência de trabalhos sobre o contingente espanhol do período e, mais que isso, significava sintoma resultante do comportamento atípico dessa corrente, determinado pela natureza tardia de seu movimento ultramarino no conjunto das imigrações em massa[1] –, optamos, num primeiro momento, por realizar um estudo de caso, tendo por objeto uma localidade próxima a Catanduva, que, como tantas outras, havia surgido no rastro dos trilhos que passaram a rasgar aquela região.

Nesta localidade, de nome Vila Novaes, então apenas um pequeno distrito daquele município, localizamos um grupo remanescente de espanhóis emigrados, de idade bastante avançada, com cuja comunidade fomos nos envolvendo e cujo estreitamento revelou a possibilidade de recuperar, por meio das suas narrativas, uma outra face da experiência que haviam partilhado, narrativas estas que acabariam sendo entrecruzadas e reelaboradas com a documentação oficial, em especial com a documentação cartorial[2] localizada.

Esse conjunto documental revelou-se essencial para a recuperação de elementos acerca desse grupo imigrante em sua odisseia ultramarina e depois, no colonato – experiências comuns, expectativas, frustrações, realizações, atitudes de resistência, acesso ou não à pequena propriedade etc. e sua investigação veio a resultar, posteriormente, em um livro.[3]

As imagens abaixo reproduzidas revelam momentos da faina incessante e diária desses emigrados e seus familiares em uma fazenda de café, onde eram, na maior parte das vezes, submetidos a condições subumanas no cumprimento de contratos pactuados com os fazendeiros, ainda na Hospedaria dos Imigrantes da Capital.

Em tese, as modalidades de contrato que eram praticadas nos anos iniciais do século XX eram para o "trato" (cultivo ou carpa) e a "colheita", caracterizando o *Contrato de Colono*, e para a "formação", que era ajustada pelo *Contrato de Formador*. A documentação consultada ainda revelou outras

1 A esse respeito, ver: "Rumo ao Estado de São Paulo: características de uma corrente tardia". In: CÁNOVAS, M. *Hambre de Tierra: imigrantes espanhóis na cafeicultura paulista*. São Paulo: Lazuli/Santander, 2005, p. 71-76.

2 Reproduzimos a documentação de dois cartórios locais: o *Cartório do Ofício de Notas do Município de Paraíso* (40 livros manuscritos) e o *Cartório do Ofício de Notas do Distrito de Villa Novaes* (11 livros manuscritos), compreendendo Registros de Nascimento, Casamento, Óbitos, Escrituras e Testamentos, cobrindo o período de 1900 a 1930.

3 CÁNOVAS, M. *Op. cit.*

modalidades que eram então praticadas, como a de *Arrendamento de cafezal*, de *Empreitada*, de *Trato e Colheita à Meia* e diferentes variações, decorrentes das categorias mais usuais.[4]

As imagens abaixo ilustram alguns desses momentos, uma delas, a da esquerda, revelando o árduo trabalho de desmatamento para a ampliação do cafezal ou para a instalação de uma nova fazenda, boca de sertão para onde esses emigrantes eram enviados e lugares aonde muitas vezes o homem chegava antes dos trilhos.

Figura 1. Imigrantes no trabalho de desmatamento e na colheita do café. Interior do Estado de São Paulo, c. 1920. Acervo: Museu da Imigração

A historiografia das imigrações transoceânicas desse período é unânime em reafirmar a calamitosa situação desse colono e a sua precária condição de vida e de trabalho na lavoura, fatos esses inscritos nas lembranças e narrados pelos emigrantes espanhóis em nossa oitiva, em cujos depoimentos se desnuda a dimensão irreal, quase surrealista, dessa experiência; a inescapável pluralidade de situações-limite às quais tiveram que se submeter; o imoderado esforço empregado na superação dos obstáculos; o medo; as condições inóspitas e todas as adversidades materiais que enfrentaram para

4 A esse respeito, ver CÁNOVAS, M. *Op. cit.*, p. 301 – Índice dos Anexos, onde reproduzimos as principais modalidades de Contratos Públicos que eram pactuados entre colonos e fazendeiros, registrados nos Cartórios mencionados.

que, finalmente, alguns deles, os melhores aquinhoados, pudessem assentar em chão próprio, em seus redutos improvisados e rudimentares.

Fragmentos dessas lembranças podem aqui ser evocados:

> Quando nós viemo de mudança da Fazenda D. Luisa, veio sete mudança, tudo junto; levamo dois dias de viagem…
>
> Móveis? Nada! Tinha aquele caixão, u m banco de pau, um banco à toa, não tinha nada…;
> Fomos morar debaixo de uma árvore, até construir a casa, cada família a sua; demorou dois meses…; nós tinha cuidado com os bichos, botava fogo aí, que naquele tempo tinha muito bicho. A casa era de madeira, de pau a pique, não existe mais […]
>
> E a porta, como não tinha serraria pra serrar madeira, quer dizer que põe assim um pau pregado do lado de cá, outro de lá…, lascas, assim, e pronto [demonstrando]. Só dava para entrar abaixado, senão tinha que tirar tudo…
>
> A senhora sabe cozinhar sem panela?! Põe dois pau, assim, põe calor embaixo, faz uma cruz… aqui passa um gancho e pendura…
>
> No córrego não tinha água [Córrego Seco!]; nós fazia poço, uma cisterna de doze palmo de fundura no mesmo córrego…
>
> Novais era puro mato, tudo peroba…; Catanduva tinha quatro casas; naquele tempo era Cerradinho, depois passou para Vila Adolpho, agora não mudou mais faz cinquenta anos.[5]
>
> Ele [o vendedor do sítio]já tinha uma casinha de sapé e tinha mais duas casinhas de empregado […; plantavam um pouco de roça, né, não sei se dava pra ele, naquele tempo o povo lá, que queria entrar, dava terra assim, planta e colhe …. sem trabalhar… fica aí [risos].
>
> Nós construímos a casa, de coqueiro e outros paus, de lasca de madeira; o mato… fomos abrindo devagar, cortando aquele mato, queimando o mato; levou anos para acabar, era em pedaços.[6]

5 Fragmento de depoimento. Sr. Tercifon Cabrera. Villa Novaes, 1981. Aos 76 anos à época, esse emigrante residia desde 1912 em Córrego Seco, arredores de Villa Novaes. Sua família chegara em 1905, proveniente de Almería. Ele nascera no Brasil, logo após a chegada da família. Seu relato refere-se à compra do sitio e a mudança da família para Córrego Seco, onde seu pai com outras famílias haviam adquirido uma pequena propriedade. Optamos por manter a literalidade da fala, sem proceder a correções de grafia.

6 Fragmento de depoimento. Sr. Ildefonso Blasquez Sanchez. Villa Novaes, 1981. O Sr. Ildefonso tinha 85 anos quando colhemos o seu depoimento. Ele chegara ao Brasil com nove anos, em 1905, com a família, procedentes de Cáceres, na Extremadura. Seu relato refere-se à aquisição da fazenda de 30 alqueires, por seu pai, no Córrego do Taperão, em 1911. Seu filho, Paschoal era, à época, o tabelião da vila e o proprietário do Cartório local.

A *via crucis,* gravada em suas memórias e reproduzidaem suas narrativas parece não constituir exceção; ao contrário, as agruras e as circunstâncias de precariedade relatadas devem ter representado a tônica palmilhada pela família imigrante, na passagem da condição de colono para a de pequeno proprietário. Apesar disso, e malgrado as condições aqui mencionadas, nem todos logravam atingir esse objetivo, a aquisição de um pedaço de terra, sonho almejado por todos.

Aliás, essa condição de se tornar proprietário, de que poucos puderam usufruir, já era aventada como chamariz em seu país de origem, pelos agentes recrutadores contratados pelas companhias marítimas que faziam a travessia para a América, os tais *ganchos*, que atrelavam esta possibilidade ao benefício da passagem subsidiada.

De qualquer modo, nesse intento, muitos adoeciam, outros se acidentavam, tornando-se incapazes para o trabalho, restando, nesse caso, apenas a repatriação. E havia os que precocemente morriam, vitimados pelas más condições sanitárias e pelas epidemias. Nessas condições, era grande o quadro de desintegração familiar, como incontáveis eram os casos de viúvas com filhos, ou de mulheres ao desamparo, abandonadas com filhos pequenos. Para essas, egressas do colonato, e muitas vezes perambulando pelas cidades, restava solicitar o auxílio do *Consulado Espanhol da Cidade de São Paulo*, ou dos conterrâneos, para a repatriação.

Nessas circunstâncias, diante do impacto provocado pelas precárias condições de vida e de trabalho na lavoura, e por conta da baixa remuneração – sabemos que os contratos realizados eram quase que inteiramente comprometidos com as suas despesas –, é que vai se dar a ocorrência de um fenômeno que será a marca distintiva do período, a marcha itinerante e constante dessas famílias que, deslocando-se de fazenda em fazenda, iam em busca de melhores condições de ganho e de sobrevivência.

Nesse caso, o infortúnio era o motor a acionar novas e desafiadoras tentativas e, então, uma vez esgotadas todos os recursos na concretização da aspiração de adquirir uma pequena propriedade ou então de retornar à Espanha, como desejavam, muitos deles, uma vez livres de suas obrigações contratuais nas fazendas (que era de cinco ou seis anos, dependendo do contrato), tinham a inclinação de buscar uma melhoria na sua condição de vida nas oportunidades que despontavam nas cidades.

Miravam primeiramente aquelas pequenas cidades que cresciam na órbita das fazendas, impulsionadas pela economia do café que, em seu arrastão avançava sempre mais e mais rumo a oeste, plantando novas localidades e atraindo um exército imigratório.

Contudo, conjugados todos os fatores – crises conjunturais, epidemias, conflitos com fazendeiros e capangas, falta de perspectiva, inadaptabilidade às condições locais adversas –, surgia, enfim, do ponto de vista do colono, a força de atração da cidade de São Paulo, de onde emanava a maior demanda de mão-de-obra de todo o Estado, o "mercado de homens", no entender de Pierre Denis, a acenar com múltiplas e diversificadas possibilidades de inserção laboral, formal ou informalmente.

A "Pauliceia", representando a atração maior como a verdadeira locomotiva que se transformava radical e aceleradamente, na passagem do século XX, de pequeno núcleo urbano, na "metrópole do café", acabaria por atrair um crescente contingente de miseráveis oriundos do campo em situação de

extrema penúria, a respeito do qual o cônsul espanhol da cidade assim se pronunciaria em memorando, a meados da primeira década dos Novecentos, ao Ministro de Estado espanhol:

> [...] necesidad de vigilar y fiscalizar los embarques por el puerto de Gibraltarde gente indocumentada, desconocedora de las faenas del campo, de genteagrupada constituyendo familias falsas que llegan, se separan, no pueden ir alas fazendas y aumentan el número de los que diariamente llegan a la puerta de este Consulado en demanda de socorro y repatriación.[7]

O impacto da chegada à metrópole que, frenética, despertava, era assustador, provocando receio e estranhamento. Ali, esgueirando-se em seus desvãos, e concorrendo no saturado mercado de trabalho, passariam a viver promiscuamente, engrossando as sinistras fileiras dos miseráveis e dos desempregados. "O migrante que chega à cidade ou à terra alheia é um homem mutilado, um ser reduzido ao osso da privação", diria Alfredo Bosi.[8]

Assim, para São Paulo, nesse período, acorriam milhares de desterrados, refluindo ou não do núcleo cafeeiro, geralmente com as famílias destroçadas – posto que, às vezes, uns partiam na frente e acabavam se perdendo dos demais.

Contudo, apesar de todo o fascínio que a cidade exercia, o equipamento cultural desse sujeito, que tinha o campo como referência, não se mostrava adequado ao aproveitamento das oportunidades que dela emergiam, com a agravante de que o espanhol havia protagonizado um movimento ultramarino tardio, no conjunto das imigrações em massa, conforme já mencionamos. Desse modo, quando o espanhol chegou à cidade de São Paulo ela já estava saturada, já se podia observar um estreitamento nas oportunidades que ela apresentava.

A decorrência mais imediata desse assédio à cidade era visível nas imensas vagas de trabalhadores rurais pobres que sobrecarregavam a sua força de trabalho, particularmente o setor terciário (o setor de serviços), excedendo em muito as suas necessidades, e se constituindo num largo mercado de mão-de-obra disponível.

E é justamente esse diagnóstico, consubstanciado nessa asfixia, que pode, em parte, explicar a problemática inserção do espanhol à cidade. Há indicadores documentais de que a maioria deles teria se vinculando, como *jornaleros,* a atividades ou ocupações eventuais e de pouco ganho, a serviços autônomos, e a viver precariamente de tarefas ocasionais e esporádicas, enfim a inumeráveis atividades marginais ao processo produtivo da nova conjuntura urbana.

Desse modo, o grosso desse contingente, talvez pela necessidade de explorar pequenas brechas de ganho para sobreviver, fez na cidade um percurso marcadamente invisível, velado, subterrâneo, ou seja, não passível de ser aferido pelos órgãos oficiais.

---

7 Memorando de 1º.1.1913, *Caja* 1692, AGA – *Archivo General de la Administración*, Madri, Espanha.

8 BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização.* São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

E foi esse, sem dúvida, um dos fatores que acentuaram a invisibilidade do grupo, e isso talvez tenha motivado o silenciamento historiográfico a respeito dessa corrente.

Talvez por isso, muitas das atividades que os espanhóis desempenharam na Pauliceia tenham permanecido apenas no imaginário da cidade como vinculadas à sua figura e das quais existe uma ou outra menção literária. Com efeito, são alguns nichos em que ele se destacou, algumas atividades que o tipificaram, especialmente ligadas ao comércio ambulante, de porta em porta, onde apregoavam as suas mercadorias, imprimindo uma sonoridade característica à cidade.[9]

O que pareceu se evidenciar foi a "preferência" do espanhol pelos serviços autônomos e, desse modo, vimos proliferar em nossa investigação, inumeráveis ofícios ambulantes, muitos dos quais acabariam não sobrevivendo às transformações da cidade – caso do leiteiro; do carroceiro de verduras; da carroça do padeiro; do carro de gelo; do lenheiro; do empalhador; do baleiro; do mascate de aviamentos de costura; do pipoqueiro; do castanheiro e do vendedor de cestos, dentre outros.

Apesar disso, há, no entanto, um ofício em especial que merece ser lembrado: trata-se do *chatarrero* (sucateiro), o famoso ferro-velho, de inúmeras menções literárias e alguns poucos registros iconográficos – vide imagem a seguir. Esse tipo, que vasculhava a cidade muitas vezes apenas com uma sacola na cabeça recolhendo produtos e materiais que eram descartados, para depois vender aos donos de depósitos, acabava promovendo o lance inicial de uma cadeia de atividades subsequentes do reaproveitamento.

Com o passar do tempo, porém, alguns deles passariam de meros coletores que vendiam sucatas para os depósitos, a proprietários de depósitos, constando mesmo a existência de um rei do ferro-velho, de nome Tomás Marúbia, com seu depósito localizado na Moóca, mas que, como mito, sobreviveu apenas nas narrativas.

Revelador desse universo é o fragmento que selecionamos abaixo:

> Ali habitavam as sete pessoas da família de Juan Garcia. No minúsculo chão de terra batida, um rapaz de caraencardida e roupa suja [um dos filhos de Garcia e que trabalhava com o pai] guardava a carrocinha de madeira.
>
> Junto ao barranco, havia uma pilha de ferro-velho. Compreendendo objetos como panelas, torneiras, latas, tubos, ferramentas, pontas de trilhos, grades, pedaçosde chumbo, folhas de zinco e uma profusão de pregos e parafusos, formando alta montanha ferruginosa e que constituía o comércio de Garcia, o espanhol.
>
> Por isso, o chamavam de "ferro-velho". Agora revolvia os fragmentos, as correntes e as novas peças adquiridas durante o dia, remexendo-os, pesando-os e comparando seus valores para revendê-los no depósito de ferro-velho.

9 As atividades desse homem anônimo na cidade foram objeto do capítulo "Territórios do Trabalho – Protagonistas de uma economia invisível". In: CÁNOVAS, M. *Imigrantes espanhóis na Paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana, 1890-1922*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2009, p. 161.

> Num meio de sotaques de malaguenhos, Lola [a filha do carroceiro] falou em castelhano, que era o idioma usual eempregado em casa, embora os filhos falassem português: "*Hola padre*…".[10]

Essa atividade, a do sucateiro envolvia, como era de se supor, todo o grupo familiar e foi surpreendente observar como foi continuada pelos descendentes, como um ofício de longa duração. Ainda hoje podem ser localizados, incorporando, naturalmente, em seus negócios, a evolução da economia do país, os herdeiros do ofício, trabalhando em desmanche de automóveis, no comércio de peças e de máquinas usadas, nos leilões das indústrias automobilísticas e com sucatas, em especial na Rua Piratininga, no bairro da Móoca, onde existem inúmeros comércios pertencentes a descendentes de espanhóis.

Figura 2. Funcionários e família de imigrante espanhol, proprietário de depósito de ferro-velho. São Paulo, SP, década de 1920. Acervo: Museu da Imigração.

De modo geral, salvo poucas exceções, o espanhol buscou aplicações em empresas relacionadas a bens de consumo direto – alimentos, chapéus, colchões, móveis, têxteis, calçados e cigarros – que se amoldavam às necessidades mais imediatas de um nascente mercado consumidor, funcionavam com tecnologia simples e para cuja constituição não se necessitava de grandes investimentos iniciais. É provável que alguns, aproveitando-se das dificuldades impostas pelo conflito mundial na importação de produtos, tenham aberto ou expandido negócios já existentes.

10 MARX, Geraldina. *Os humildes*. São Paulo: Publisher Brasil, 1996, p. 17-18.

> Os espanhóis ficavam nos armazéns de cereais, mas principalmente no ferro-velho. Na fábrica, poucos. A maioria preferia se estabelecer por conta própria.
>
> Abriam uma portinha de cebolas na Santa Rosa. Hoje, os espanhóis ficam principalmente na Rua Piratininga.
>
> Comercializavam ferro-velho, depois ficaram com a venda de peças de automóvel. Conheci muitos espanhóis: o Rafael Morales, pai do jogador de pingue-pongue; Macotera, Sevillano, que já tem oitenta anos, Francisco Herrerias....
>
> O filho de Sevillano mora no Jardim Paulista. O velho, já com 82 anos, mora ainda no Brás.[11]

O crescimento da atividade comercial na cidade acompanhou de perto as mudanças nela introduzidas, intensificando-se e se diversificando continuamente. Pela via do comércio, importante meio de ascensão social e prestígio, os imigrantes alcançavam visibilidade e reconhecimento, muitas vezes não apenas entre seus conterrâneos.

Muitos prósperos comerciantes, em especial os atacadistas de cereais, muitos dos quais iniciavam modestamente negociando gêneros alimentícios nas pequenas vilas que apareciam na órbita das fazendas, conseguiram prosperar, transferindo-se para a Capital, onde começavam com uma portinha de venda de cebolas e/ou sementes de cebolas, acabando por transformar algumas ruas centrais da cidade, em especial as Ruas Santa Rosa e Paula Souza, ambas próximas ao Mercado Municipal, em reconhecidos redutos de espanhóis dedicados ao comércio atacadista de cereais.

Pudemos destacar, a partir daí, a constituição de algumas expressivas fortunas, que evoluíram para o comércio de importação e de exportação,[12] e de figuras que vieram a se destacar socialmente na Pauliceia.

Outro segmento também encabeçado pelos espanhóis foi o de sacaria.[13] Ramo correlato ao do comércio de cereais, o comércio de sacos para acondicionamento, atividade a que muitos passariam a se dedicar, surgiu em complemento e em decorrência do anterior.

> Todos os homens em São Paulo, que compram sacos usados são assim. E moram por ali. Moram nos fundos das casas, entre varais com roupas dançando, e cercas de lata enferrujada. E tem uma velha que conserta as estopas furadas com uma agulha comprida, um fio comprido e uma paciência comprida [...].

11 "Lembranças de seu Amadeu". In: BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiróz, 1979, p. 94-95.

12 A esse respeito, ver "Os atacadistas de cereais" e "Importadores, exportadores e casas comissárias". In: CÁNOVAS, M. *Imigrantes espanhóis na Paulicéia... op. cit.*, p. 303 e 321.

13 *Ibidem*, p. 317.

> Compradores de sacaria ou empalhadores de móveis eles vão chegando. Um velho traz nas costas estreitas uma pilha marrom de sacos dobrados. Outro velho traz-nos ombros sungados uma cadeira austríaca e, na mão, um rolo de palhinha...[14]

Tratando-se certamente de um grupo minoritário, composto de comerciantes, pequenos industriais e profissionais liberais, essa camada socioeconômica e culturalmente diferenciada, ocupava progressivamente posição destacada dentre a grande maioria dos despossuídos, distinguindo-se da grande massa marginalizada e subalterna de emigrados, em grande parte mergulhada em extrema pobreza.

Andaluzes em sua maioria, a influência dessa massa miserável, infiltrando-se no cotidiano da Pauliceia, já podia ser percebida, por meio dos *chistes* jocosos que se espalhavam pelas ruas:

> Ouve-se aqui freqüentemente um ditado anedótico, de forma variável: "está como o outro, que foi persignar-se e quebrou o nariz".
>
> É o andaluz: "*púsose a santiguar y se sacó un ojo*".
>
> Outra frase nossa: "é um pão e um pedaço".
>
> Não a encontramos nos catálogos, mas é vulgaríssima em São Paulo.
>
> Prende-se evidentemente ao espanhol – "*Bueno es un pan con un pedazo*".[15]

Muito precocemente se observa na cidade a existência de práticas associativas entre os espanhóis. Tais entidades ou associações beneficentes eram, em geral, criadas por elementos da camada social diferenciada, iniciativas que objetivavam amparar os conterrâneos e socorrer à maioria desassistida nas questões urgentes e inadiáveis que avultavam à proporção que cresciam os problemas da cidade em seu salto desordenado de crescimento.

Uma dessas agremiações, a Federação Espanhola, criada em 1912, previa nos estatutos, a criação de um "albergue noturno onde pudessem pernoitar os espanhóis sem recursos [...]".[16]

De fato, eram muitas as famílias que, despachadas do interior em condições de extrema pobreza e privação e humilhados pela degradante condição de candidatos à repatriação, passavam a viver na indigência, perambulando sem destino pela cidade de São Paulo.

Esse era o caso da viúva Maria Alcázar, recém-chegada do interior, onde teria falecido seu marido, com cinco filhos menores, o maior com apenas sete anos, que, como mendiga, vagava pela cidade, e a quem o consulado oferecera tão-somente meia passagem para voltar, repatriada, à Espanha![17]

---

14 ALMEIDA, Guilherme de. "Um Carvão de Goya". In: *Cosmópolis*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1929, p. 61.

15 AMARAL, Amadeu. "Memorial de um passageiro de bonde". In: *Tradições Populares*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976 (1ª ed. 1927), p. 240. *Santiguar*: fazer vários sinais da cruz, estranhando ou se escandalizando com algo.

16 *El Diario Español* (EDE), 18 mar. 1914. Item destacado do capítulo II do referido Estatuto. Trad. da autora.

17 EDE, 6 out. 1921.

Do mesmo modo, em degradante penúria, abandonadas, e aguardando pela repatriação, viviam cinco crianças, a maior com onze anos, que ficaram órfãos de pais e encontravam-se "recolhidas" à Rua São Caetano, 179, necessitando de mantimentos e roupas.[18]

Essa questão tinha muitas faces, destacando-se entre elas o desamparo a que essas criaturas se viam submetidas pelo poder público, quer seja do país de destino – para quem o (indesejado) imigrante que passava a habitar os centros urbanos representava, de certo modo, o elemento que, burlando as determinações, punha em relevo a "falha" do eficiente aparato oficial montado para a captação de braços para a lavoura cafeeira, quer seja o de seu próprio país de origem, aqui representado pela autoridade consular, de conspícua ausência e a quem, em tese, deveriam reclamar seus direitos de cidadãos.

Tais entidades de cunho beneficente e assistencial combinavam em sua composição diretiva, aos demais elementos, sujeitos que haviam trazido em sua bagagem a experiência da militância, ou seja, que aqui aportaram trazendo suas ideologias e, portanto, claramente identificados com a militância.

Um dos casos mais notórios reside na figura de Everardo Dias que, embora militante e ativista, e apesar de todas as restrições impostas a manifestações dessa natureza no seio das associações, atuava diretamente em muitas delas, exasperando-se por vezes contra as "tendências puramente utilitaristas de independência econômica" dos emigrantes, face ao desinteresse destes quanto à premente necessidade de reformas sociais.

Lembremo-nos também de José Eiras Garcia, o fundador e diretor-proprietário do periódico *El Diario Español* que, como muitos gráficos e tipógrafos, ativistas indesejáveis em seus países, refugiaram-se ou foram deportados por questões políticas e de tantos outros que, em função de seu trabalho tinham, no mínimo, tido contato com as teorias sociais da época e, portanto, estavam informados dos movimentos ocorridos na Europa.

No caso de Eiras, galego de Pontevedra, assumindo paulatinamente a posição de porta-voz da colônia por meio do seu diário, e provavelmente em função do crescente volume de espanhóis já instalados no núcleo cafeeiro no início da década de 1920, e do acirramento das relações entre fazendeiros e colonos, é nítida a abordagem mais agressiva com que passa a encaminhar as questões de violência contra os *paisanos*, que lhe eram relatadas.

O discurso agora vigente, e que ganhava as primeiras páginas, denunciava: "es sabido que aquí las garantías son letra muerta cuando las invoca el humilde, el flaco, el explotado [...] contra la brutalidad de hacendados",[19] e acusava a falta de respeito dos fazendeiros, que não cumpriam os contratos e que maltratavam os colonos, condenando-os à miséria. A esse discurso seguia-se, quase sempre, a íntegra de uma carta enviada à redação por um colono, relatando infortúnios e passagens degradantes geralmente ocorridas nas contendas com os administradores das fazendas.

Tais elementos, que transformavam essas agremiações em sociedades mistas – meio beneficente, meio de resistência, evidência concreta da tênue fronteira de atuação que não dissimulava o claro

18 EDE, 14 fev. 1914.

19 EDE, 17 fev. 1922.

engajamento ideológico –, terão grande influência no movimento operário, compondo um significativo segmento da liderança socialista e anarquista, cujo clímax foi representado pela greve geral de 1917, o ápice da expressão das lutas operárias no período da República Velha.

Embora exceda os limites e os propósitos desse artigo, convém destacar que esse movimento teve como estopim e personagem central um trabalhador, um jovem anarquista espanhol de 22 anos, o sapateiro José Martínez, que acompanhava uma multidão de grevistas, e foi morto pelo tiroteio da polícia.

Revoltados com o seu assassinato, os trabalhadores provocam tumultos, saques e queimas de bondes, alastrando o movimento grevista. Eram 20.000 trabalhadores em greve!

O enterro de Martínez, o sapateiro, "uma das mais impressionantes demonstrações populares até então verificadas em São Paulo [algo] como um oceano humano"[20] representou ocasião propícia para que vários oradores pronunciassem inflamados discursos em "português, espanhol e italiano, as três línguas mais faladas entre o operariado paulistano", protestando com veemência contra a prisão dos grevistas.[21]

O alcance do movimento foi enorme, e o movimento das fábricas foi parar nas ruas, transformando-as em verdadeiros campos de batalha, com fuzilaria e centenas de operários presos, com saldo de três mortos. Outros mais são expulsos do país, dentre os quais alguns espanhóis.

Dentro os mais "perigosos" banidos, estava Florentino de Carvalho, que narra os dolorosos acontecimentos de sua prisão e embarque no Curvelo em *A nossa expulsão: apontamentos para a história das infâmias burguesas*. Conforme ele, embarcara com Francisco Arouca e Antonio Lopes "com destino ignorado" no "navio-fantasma", depois de permanecer incomunicável na prisão de Vila Matias, em Santos, para onde fora levado.

Chegando ao Recife, onde o navio fizera uma escala, Florentino e seus companheiros conseguiriam escapar, burlando a vigilância. Seriam, contudo, recapturados depois da partida do navio, dando início a um périplo sem precedentes. Ficariam detidos no Recife por seis meses. Consta que os expulsos, despachados pelo Curvelo para a América, lá não tinham podido desembarcar, uma vez que o país se negou a recebê-los.

Não se tratava, contudo, da primeira deportação a que fora submetido Florentino que, antes, em 1912, já havia sido expulso. Conforme o *El Diario Español*, que noticiaria o retorno dos expulsos, chegados ao Rio de Janeiro pelo Vapor Avaré, dentre os detidos, estava Florentino de Carvalho, "espanhol naturalizado brasileiro, o líder do grupo de nove detidos", e que, apesar disso, a polícia informara não saber do paradeiro e nem do novo destino deles.

As soluções dadas aos movimentos mais expressivos, ocorridos na cidade de São Paulo em 1917 e, logo depois, em 1919, possivelmente ocasionaram a sensível queda nas greves, a partir de 1920.

---

20 ROLNIK, Raquel. *Cada um no seu lugar (São Paulo, início da industrialização: geografia do poder)*. Dissertação (mestrado) – FAU-USP, São Paulo, 1985, p. 173.

21 LOPREATO, Christina Roquette. *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume, 2000, p. 32.

Em fins de 1919, a inquietação era geral e o país encontrava-se afligido pelas greves dos funcionários da Light, das fábricas têxteis, dos metalúrgicos, dos ferroviários e dos empregados da construção civil.

Se em 1917 haviam sido nove os espanhóis expulsos e deportados, agora eles seriam mais. A "maré vermelha", no dizer de Maran,[22] tinha de ser contida a qualquer custo. Mirava-se contra os "indesejáveis", responsáveis pela onda de revoltas sociais: "os espanhóis, portugueses e italianos que se arrogam o direito de defender a classe trabalhadora no Brasil ficariam melhor em sua própria terra", bradavam setores da imprensa conservadora em numerosos artigos, sustentando ter o Executivo "amplos poderes" para expulsar esses "perigosos elementos".

Desse modo, a repressão contra lideranças operárias continuava violenta. Após 1919 o número de greves diminuiu, mas os operários continuaram a se agitar e a se organizar, especialmente nos sindicatos. Kátia Kenez,[23] que examinou detidamente o movimento operário de 1919, com base na imprensa operária, comenta da dificuldade de se recompor esse período e seus personagens, lamentando haver localizado apenas "notas, por vezes algumas linhas soltas, na sua grande maioria nomes que percorrem uma ou duas edições desaparecendo sem deixar pistas", numa evidência que o destino desses homens, a partir da prisão, era incerto e indefinido.

Há muito vinha o *El Diario Español* vinha encabeçando uma campanha contra o que denominava "*la burla hecha de las leyes*", pronunciando-se contra as leis de expulsão então vigentes, cujos preceitos, dizia, não têm sido cumpridos, já que, entre os deportados há muitos que residem no país por mais de vinte anos e outros que têm filhos brasileiros.[24]

Em 1920, os anarcossindicalistas, minando as próprias forças já declinantes do movimento, deflagram diversas greves na Capital de São Paulo, no Rio de Janeiro e em Santos, franqueando ao Governo o ensejo para prisões em massa, deportações de líderes e o fechamento de sindicatos.

Decisiva para a derrocada do movimento operário, a tese da "conspiração estrangeira", que subverteria o país, passou a ser aceita por distintos setores da sociedade, legitimando a prática de medidas repressivas e estimulando o ressentimento dos trabalhadores nacionais contra os estrangeiros, líderes do movimento sindical.

No apogeu do sindicalismo revolucionário, entre os anos de 1917 e 1920, esse apelo "nacionalista", disseminado na opinião pública pelos meios de comunicação e por segmentos interessados, foi fundamental para a campanha anticonspiração então encetada, sobretudo por eliminar as resistências de setores liberais da sociedade, que passam a apoiar as elites e a repressão policial.

O anarquismo, que irradiado a partir das cidades onde havia maior concentração de imigrantes, marcaria fundamentalmente o movimento operário brasileiro do período, se viria ameaçado

22 MARAN, Sheldon Leslie. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro, 1890-1920*. Tradução de José Eduardo Moretzsohn. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 51.

23 KENEZ, Kátia Cristina. *Movimento operário em 1919 – repressão e controle social*. Dissertação (mestrado) – FFLCH-USP, São Paulo, 2001, p. 129.

24 EDE, 29 nov. 1912.

quando, a partir de 1922, ocorreria a cisão entre os militantes, fato que se refletiria também nas associações operárias.

A divergência que provocou a ruptura era de orientação e princípios. Aos militantes do Partido Comunista Brasileiro, o engajamento dos trabalhadores na máquina política do sistema representava ponto crucial, o que rejeitavam frontalmente os anarquistas que, aos poucos, foram sendo alijados das cúpulas sindicais.[25]

Para Edgar Rodrigues que em seus escritos procurou deixar registros de relatos dos antigos militantes operários, a fase áurea do movimento operário ocorreu sob a influência do anarquismo, cuja ideologia traduziria os reais anseios dos oprimidos, potencial que o movimento operário posterior a 1922 perderia "sucumbindo às nefastas influências do comunismo e do trabalhismo oficial, tornando-se essencialmente um movimento reformista, sem combater a dominação capitalista".[26]

Por ora, importa assinalar, tendo como plano de fundo a conjuntura internacional de turbulência dos finais do Dezenove, os ecos locais manifestos na flagrante atuação dos líderes espanhóis do movimento operário, figuras emblemáticas das quais recuperamos alguns fragmentos de atuação na liderança e no trabalho de politização, que marcou o início da República brasileira.

25 FERREIRA, Maria Nazareth. *A imprensa operária no Brasil (1880-1920).* Petrópolis: Vozes, 1978, p. 145.

26 MAGNANI, Silvia Ingrid Lang. *O movimento anarquista em São Paulo (1906-1917).* São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 21.